

História Pública em Movimento: Estratégias e Desafios na Formação de uma Sociedade Crítica e Empática

Luiza PORTO DE FARIA¹

ALMEIDA, Juniele Rabêlo de.; ROSA, Rogério (Orgs.). *História Pública em movimento*. São Paulo: Letra e Voz, 2021.

¹ Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina. É bacharel em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e possui formação extensiva em História do Tempo Presente pela UFBA. UDESC. Florianópolis. SC. ORCID: E-mail: luizapfaria@gmail.com

O livro "História pública em movimento", organizado por Juniele Rabêlo de Almeida e Rogério Rosa Rodrigues e publicado pela editora Letra e Voz no ano de 2021, atesta a importância de questionar e problematizar continuamente questões relevantes para a prática da história no tempo presente. O tema central do livro gira em torno das práticas, desafios e possibilidades da história pública no Brasil, abordando questões como memória, patrimônio, educação histórica, movimentos sociais, narrativas de dor, desigualdades sociais, negacionismos, preconceitos, interseccionalidade e ensino de história em tempos de desgoverno e pandemia. A importância do estudo da história pública reside na sua capacidade de ampliar o alcance e o impacto da história, tornando-a mais acessível, relevante e significativa para diferentes grupos e comunidades. Além disso, contribui para a construção de uma consciência histórica crítica e para a promoção de uma cidadania ativa e informada (Almeida; Rovai, 2011).

"História pública em movimento" oferece uma visão abrangente e atualizada sobre a história pública no Brasil, destacando a diversidade teórico-metodológica e temática presente nesse campo de estudo. A coletânea de textos apresenta reflexões e experiências de pesquisadores/as, profissionais e professores/as engajados na promoção da história pública como uma ferramenta de democratização do conhecimento histórico e de engajamento cívico. A obra evidencia a importância da história pública em tempos de desafios sociais e políticos, como a pandemia de Covid-19, ressaltando a relevância de práticas inclusivas, participativas e reflexivas no âmbito da educação histórica e da memória coletiva.

Conforme aponta Ricardo Santhiago no posfácio do livro, é essencial manter um olhar crítico e engajado diante dos desafios enfrentados pela história e, em especial, pelo campo da história pública. "Quantas perguntas mais?" questiona Santhiago ao incentivar a busca por propostas que contribuam para a construção de uma sociedade mais justa, inclusiva e democrática. Dessa forma, é possível dizer que a discussão tecida ao longo do livro dialoga com o seu título: uma história em movimento e que, por conseguinte, enfatiza a importância do diálogo, da reflexão e da ação coletiva como ferramentas essenciais para enfrentar os dilemas e as incertezas do presente e para construir um futuro mais promissor e equitativo.

Os primeiros capítulos discutem a importância da história pública como um campo que promove reflexões éticas e compartilhadas sobre a prática dos historiadores/as na sociedade. Ainda, apontam a relevância deste movimento da história como plataforma para pensar a disciplina em diferentes contextos profissionais. Ao discutir as áreas de atuação dos historiadores/as, o capítulo "Existe um mercado de trabalho para o historiador?", de Bruno Flávio Lontra Fagundes, Daniel Saraiva, Juliana Muylaert, Lara de Castro e Miriam Hermeto, aborda a empregabilidade dos historiadores/as, explorando as diversas possibilidades de atuação previstas na legislação vigente.

Por sua vez, no capítulo escrito por Frederico Duarte Bartz, Jean Baptista, Juliane Serres, Letícia Brandt Bauer, Livia Monteiro, Maria Fernanda Rollo e Viviane Trindade Borges, intitulado "Quais os desafios da responsabilidade profissional na pesquisa participativa?", os autores/as discutem a noção de "autoridade compartilhada" de Michael Frisch (2016) na pesquisa participativa. Eles enfatizam a importância do diálogo e da escuta sensível para repensar metodologias, ampliar o espaço de participação dos sujeitos envolvidos e perceber a pesquisa a partir de uma visão ampliada. Os argumentos apresentados destacam a necessidade de uma abordagem ética e responsável na pesquisa participativa, ressaltando a importância do diálogo aberto e sincero para construir relações de confiança com os participantes.

No que diz respeito às provocações dispostas à história pública, o capítulo intitulado "A história pública brasileira tem sido eficaz no combate aos negacionismos?" aponta a relevância de projetos do campo que buscam desconstruir narrativas distorcidas e falsas sobre o passado, enfatizando a importância de evitar posturas autoritárias ou exclusivistas na abordagem histórica. Assim, Ana Carolina Barbosa Pereira, Edmilson Alves Maia Junior, Natália Guerellus, Nashla Dahás, Samuel Silva Rodrigues de Oliveira, Sônia Meneses e Sonia Wanderley apresentam a história pública como um instrumento de resistência diante a discursos negacionistas, capaz de promover maior conscientização e aprofundamento do debate crítico sobre questões históricas disputadas no tempo presente.

Outro proeminente desafio é colocado pela história digital. No capítulo intitulado "Quais os limites da história digital em um país marcado pela exclusão e pela

desigualdade social?", os autores/as refletem sobre os obstáculos enfrentados pela história digital em contextos de exclusão e desigualdade social. Anita Lucchesi, Fernando Sossai, Giliard Prado, Luiz Otávio Corrêa, Marcella Albaine, Pedro Telles da Silveira, Rodrigo Bragio Bonaldo e Waldomiro da Silva Junior discutem a necessidade de considerar os diferentes níveis de inserção e letramento digital da população e a importância de pensar políticas públicas que promovam o acesso equitativo às tecnologias digitais. Essa reflexão aponta para a necessidade de adotar abordagens inclusivas e sensíveis para garantir que a história digital seja acessível e relevante para todos os segmentos da sociedade.

Portanto, até este ponto do livro, a importância de tornar a história acessível e relevante para um público mais amplo é um dos principais fios condutores do texto. No capítulo "Como fazer a história local se tornar pública, e para quem?", escrito por Andréa Telo da Corte, Joana da Silva Barros, Livia Moraes Garcia Lima, Maria Silvia Duarte Hadler, Marta Gouveia de Oliveira Rovai e Michel Kobelinski, os autores/as discutem importância de estabelecer diálogos e parcerias com as comunidades locais, reconhecendo suas experiências e memórias como parte integrante do patrimônio histórico coletivo. A discussão enfatiza a necessidade de promover uma história pública inclusiva, que considere as diferentes perspectivas e vozes presentes nas narrativas locais. Isso contribui para a construção de um espaço de compartilhamento e transmissão do conhecimento histórico de forma democrática e participativa.

Os capítulos seguintes - "Quais são as experiências de um núcleo de história pública em tempos de pandemia na Amazônia?" e "Como os movimentos LGBTQ+ e de mulheres vêm atuando na luta contra as opressões interseccionadas e as desigualdades sociais em Rondônia?" - enfatizam a necessidade de manter o engajamento com as comunidades locais, mesmo em um cenário de restrições e limitações. De fato, destacar as possibilidades de adaptações e articulações da história pública é um dos pontos fortes do livro. Seja ao discutir os desafios impostos pela pandemia de Covid-19 na Amazônia ou ao analisar o papel dos movimentos LGBTQ+ e de mulheres na promoção da igualdade e no combate às opressões interseccionadas em Rondônia, a coletânea aborda a importância de repensar estratégias de atuação e comunicação do historiador e da história em si.

Nesse sentido, é possível dizer que dentre tais desafios, aqueles enfrentados pelos professores no ensino da história durante a pandemia se destacam na busca por estratégias inovadoras no âmbito da comunicação da história para públicos mais amplos. Como manter o engajamento dos alunos e a qualidade do ensino remoto é apenas uma das questões que evidenciam a complexidade da situação, que envolveu a virtualização da educação e a preocupação com a segurança e saúde de professores e alunos. Pontos como esses são discutidos no capítulo "Em tempos de pandemia, como as/os professoras/es têm lidado com o ensino da história?", escrito por Everardo Paiva Andrade, Juniele Rabêlo de Almeida, Larissa Moreira Viana e Rogério Rosa Rodrigues. Além disso, os autores/as sublinham a necessidade de promover uma abordagem sensível e humanizada no ensino da história, levando em consideração as diferentes realidades e contextos dos estudantes. Assim, a discussão enfatiza a importância de valorizar a criatividade e a adaptação como ferramentas essenciais para superar os desafios impostos pela pandemia e garantir a continuidade do processo educativo.

Os aspectos levantados até aqui dialogam com alguns pontos explorados pelos autores/as do capítulo intitulado "Quais os desafios do trabalho com narrativas de dor no ensino de história?". Ao refletir sobre a complexidade e a sensibilidade exigidas ao lidar com essas narrativas, os autores/as destacam a necessidade de abordar temas delicados e dolorosos de forma ética e respeitosa. Também ressaltam a importância de criar espaços seguros e acolhedores para discutir experiências traumáticas e histórias de sofrimento.

As discussões propostas abrangem desde a necessidade de uma abordagem sensível e inclusiva, capaz de envolver os sujeitos na pesquisa, superar barreiras de comunicação e criar um ambiente de confiança e respeito mútuo, até argumentos que enfatizam a relevância de promover a empatia, a escuta ativa e o cuidado emocional dos alunos ao lidar com narrativas de dor. De fato, este é um dos méritos do livro - dar ao leitor a impressão de que a leitura se move de uma ponta a outra, ligando e garantindo o diálogo entre suas partes. Por exemplo, quando os autores/as do sétimo capítulo destacam a importância de fortalecer a articulação entre os movimentos sociais para promover a inclusão, a justiça social e o respeito à diversidade, eles dialogam com os argumentos apresentados no texto seguinte. Este que ressalta a importância do diálogo,

da colaboração e do apoio mútuo entre os profissionais da educação para enfrentar os impactos da pandemia e promover uma educação mais inclusiva e significativa em tempos de crise.

Portanto, parece existir uma direção que se estende entre os desafios colocados e as estratégias elaboradas. Os argumentos trazidos pelos diversos autores/as de “História pública em movimento” (2021) enfatizam a importância de desenvolver mecanismos que valorizem a diversidade de experiências e vivências, promovam a conscientização sobre questões sociais e históricas complexas e contribuam para a formação de cidadãos mais críticos, empáticos e engajados com a construção de uma sociedade mais justa e solidária. Em um contexto de pós-verdade, o movimento da história pública surge como uma ferramenta essencial para combater adversidades, promovendo uma compreensão mais ampla e contextualizada do passado. Nesse sentido, a leitura de “História pública em movimento” é enfaticamente indicada para pesquisadores/as, acadêmicos/as, estudantes e todos/as aqueles/as interessados/as em pensar a história pública como uma plataforma capaz de desempenhar um papel significativo ao confrontar o negacionismo, promover a educação crítica a longo prazo e valorizar o diálogo como uma forma eficaz de enfrentar discursos distorcidos.

Referências bibliográficas

Almeida, Juniele Rabêlo de.; Rosa, Rogério (Orgs.). *História Pública em movimento*.

São Paulo: Letra e Voz, 2021.

Almeida, Juniele Rabêlo; Rovai, Marta Gouveia de Oliveira (Orgs.). *Introdução à História Pública*. São Paulo: Letra e Voz, 2011.

Frisch, Michael. A História Pública não é uma via de mão única: ou De: A Shared Authority à cozinha digital, e vice-versa. In: Mauad, Ana Maria; Almeida, Juniele Rabêlo de; Santhiago, Ricardo (org). *História Pública no Brasil: Sentidos e Itinerários*. São Paulo. Letra e Voz. p. 57-69, 2016.



Os direitos de licenciamento utilizados pela Revista Histórias Públicas é a licença *Creative Commons Attribution-Non Commercial 4.0 International* (CC BY-NC-SA 4.0)

Recebido em: 17/05/2024
Aprovado em: 20/06/2024